



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a emissoras de rádio que cobrem o dia-a-dia do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 02 de outubro de 2003

PARTE 1

Luiz Fara Monteiro: Bom dia, senhor Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bom dia aos senhores jornalistas presentes. Eu sou Luiz Fara Monteiro e vou conduzir a entrevista que está sendo transmitida ao vivo pela Rádio Nacional, através da Radiobrás. O sinal está disponível para as rádios de todo o país.

Pela primeira vez o Presidente concede entrevista coletiva às rádios que fazem a cobertura diária do Palácio do Planalto. Aqui estão presentes os jornalistas das rádios CBN, Eldorado, Jovem Pan, Rádio Gaúcha, Rádio Guaíba, Itatiaia, Tupi, Bandeirantes e Rede Católica.

A nossa entrevista terá um pequeno intervalo de três minutos. Neste momento eu passo a palavra ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Presidente, bom dia.

Presidente: Bom dia, Lula. Eu estou chamando Lula, mas o nome dele é Luiz Fara Monteiro. É o companheiro da Radiobrás. Bom dia, companheiros jornalistas.

Vou dizer para vocês que tem sempre a primeira vez. Eu acho que, quem sabe, o dia de hoje seja o início de uma nova dinâmica na conversa do Presidente da República com a sociedade brasileira, através dos microfones das rádios brasileiras. Eu quero dizer para vocês que é muito prazeroso estar aqui, participar de uma entrevista em que a gente possa discutir um pouco o Brasil; em que vocês possam fazer as perguntas que vierem na cabeça de vocês. Não sei quantas vezes um presidente da República deu entrevista sem



antes saber das perguntas que iam lhe ser feitas.

Eu acho que isso – saber das perguntas antes – cerceia a liberdade de imprensa, a criatividade dos jornalistas e até a criatividade da resposta do entrevistado. Portanto, estou à disposição de vocês para o que vier.

Luiz Fara Monteiro: Está certo, Presidente, a gente agradece esse caráter democrático desse encontro. Vamos passar a palavra à jornalista Luciana Verdolin, da Rádio Jovem Pan.

Jornalista Luciana Verdolin – Rádio Jovem Pan: Bom dia, Presidente. Segurança pública é a marca registrada da Rádio Jovem Pan. Pesquisa divulgada esta semana deu conta de que a população ainda está preocupada, mais da metade dos ouvidos pela pesquisa ainda está insatisfeita com as ações do governo com relação a segurança pública. A gente tem exemplos na família do senhor, até a morte do segurança do filho do senhor e teve o roubo ao carro do ministro da Justiça. Temos também denúncias de tortura em presídios, temos o caso do chinês.

O que o governo vai fazer, Presidente? Qual vai ser a atitude prática do governo para dar uma resposta à população e para voltar a tranquilidade à população.

Presidente: Eu acredito que a atitude para enfrentar a questão da segurança, está sendo tomada com os cuidados e, ao mesmo tempo, com a pressa que a sociedade exige. Acontece que é muito fácil falar de segurança e muito difícil fazer política de segurança, porque o que o povo espera, na verdade, é que todos os bandidos sejam presos. É isso que o povo espera. Ora, mas você sabe perfeitamente bem que para você ter uma ação de segurança pública muito mais ousada, muito mais eficaz, você precisa, primeiro, organizar a Polícia. E o Márcio Tomaz Bastos está fazendo isso com muita competência.



Veja, nós criamos o Sistema Único de Segurança Pública. Foi feito convênio com todos os Estados da Federação para que haja um trabalho integrado entre a Polícia Federal e as Polícias estaduais, tanto a Militar quanto a Civil. Nós criamos um grupo de elite, de gente muito experimentada. Essas pessoas estão sendo preparadas, estruturadas, para começar a funcionar.

E nós achamos que a questão da segurança pública precisa da dedicação exclusiva, tanto do governo federal, quanto dos governos estaduais e da sociedade, porque, veja, tem muita coisa para ser enfrentada. Você tem, de um lado, o chamado bandido comum. Você tem, do outro lado, o crime organizado, que já é muito mais sofisticado, que tem os seus braços ramificados em vários lugares, ou seja, o crime organizado está no empresariado, está na sociedade, está no poder político, está no judiciário, tem braço internacional. Você tem que montar uma Polícia inteligente para poder enfrentar isso de frente.

Nós colocamos no Ministério da Justiça, tanto o Márcio Tomaz Bastos, que é um homem muito experimentado, quando o Luiz Soares, secretário de Segurança Pública, que é uma das maiores autoridades no assunto, neste país.

Então, as coisas estão caminhando. Eu acredito que nós vamos fazer aquilo que precisa ser feito. Agora, quero dizer que não é fácil enfrentar o crime organizado, o narcotráfico, a corrupção. Veja o que foi estes dias, a prisão que a Polícia Federal efetuou no Rio de Janeiro de pessoas que roubavam os cofres públicos, porque eles tinham acesso a senha da Receita Federal e, então, anistiavam empresas. Quem sabe quantos bilhões de reais deixaram de entrar nos cofres públicos.

Desmontar uma operação dessa e descobrir quantas pessoas estão envolvidas e se beneficiavam disso é uma tarefa que, muitas vezes, pode levar meses. Pode levar meses e eu acho que essa ação da Polícia, um novo sistema de segurança pública, uma ação mais efetiva da Polícia na rua,



profissionais mais preparados, mais estruturados do ponto de vista salarial e do ponto de vista da sua capacitação profissional, é um processo.

Isso você não faz num estalar de dedos, você tem que ir trabalhando e acreditar, que num curto ou médio espaço de tempo, você vai ter uma polícia mais eficaz, vai poder prender os bandidos com mais pressa e, ao mesmo tempo, vai poder passar para a sociedade a certeza de que está havendo mais segurança para que ela possa sair nas ruas, para que ela possa trabalhar.

É um problema e, talvez, seja o maior problema de todos os estados brasileiros. A insegurança que as pessoas têm é muito grande, a gente vê televisão, ouve rádio, lê jornal todo dia e sabe que é uma tarefa, talvez, a maior tarefa que nós temos que fazer. É criar um novo tipo de Polícia, prepará-los bem para que a gente tenha a sorte de, combinando com o crescimento da economia, com geração de empregos, com melhoria na educação, diminuir o número de pessoas que praticam delitos no nosso país.

Luiz Fara Monteiro: Agora, a pergunta da jornalista Leide Carvalho, da Rádio Itatiaia. Leide.

Jornalista Leide Carvalho – Rádio Itatiaia: Presidente, o senhor acha que o estado de Minas Gerais está recebendo o tratamento adequado, de acordo com o peso que o estado teve na eleição do senhor? Por exemplo, com relação às estradas, as informações que nós temos são de cortes no Ministério dos Transportes. A gente pode concluir, Presidente, que os mineiros não devem esperar tão cedo por melhorar nas estradas? E mais, é um desprestígio ao ministro mineiro Anderson Aduato?

Presidente: Veja, primeiro tinha sido feito, um acordo entre o Presidente Fernando Henrique Cardoso e o governador Itamar Franco, em que foi passado acho que, se não me falha a memória, 1 bilhão e 800 milhões de



reais, ainda no final do ano passado, para que o estado cuidasse das estradas.

Segundo, o problema das estradas não é um problema de Minas Gerais, é um problema de vários anos de irresponsabilidade e de não cuidar da manutenção daquilo que já existia.

Estamos discutindo nem fazer aquilo que falta fazer, mas cuidar daquilo que já havia. Ou seja, quando você não faz a manutenção no seu carro, quando você não faz a manutenção na sua casa, quando você não faz a manutenção em algum bem material que você tem, e não faz a manutenção nas estradas – que custaram aos cofres públicos ao longo desses anos todos 150 bilhões de reais -, significa que você não soube tratar com carinho o patrimônio público.

Nós pegamos o governo com todas as estradas brasileiras deterioradas, todas. Era um problema que vinha se arrastando há 8 anos, e nós então resolvemos começar uma operação tapa buraco. Nesses 9 meses já foram 20 mil quilômetros de estradas, de buracos tapados em caráter emergencial. Outros dois mil quilômetros foram praticamente recapeados, todos. E nós trabalhamos com muito menos dinheiro do que se trabalhou em 2002, porque quando nós tomamos posse, dia primeiro de janeiro, nós tivemos que fazer um corte orçamentário de 14 bilhões de reais e pegamos 10 bilhões de reais de restos a pagar. Portanto, nós tivemos uma situação muito delicada e nesses nove meses nós já fizemos o que era possível fazer.

Você não faz milagre, você trabalha com o que tem. Quando você recebe o seu salário, você leva para casa, você só pode comprar aquilo que o seu salário permite. Até porque nós temos o superávit primário em que nós não podemos gastar tudo que se poderia gastar do ponto de vista da capacidade de endividamento.

Agora, Minas Gerais será tratado como será tratado Alagoas, como será tratado o Amapá, como será tratado Roraima, como será tratado o Rio de Janeiro, como será tratado São Paulo, porque todos os estados merecem



consideração do Governo Federal e merecem respeito.

Obviamente que, quanto mais estradas tiver o governo, mais trabalho você vai ter que ter naquele estado. Nós começamos a terminar a Fernão Dias, que estava paralisada há vários anos, num trecho muito pequeno. Começamos agora a recuperar. Vamos recuperar, fazer, terminar a BR-116, que liga o sul do país ao restante do país. Eu acho que as coisas estão andando. Não do jeito que nós gostaríamos, porque não temos os recursos que queremos. E o companheiro Anderson Adauto tem tido toda a liberdade, nas disponibilidades orçamentárias dele, de fazer o que é possível fazer.

Eu acho que Minas Gerais merece, não por conta das estradas, por conta da importância cultural, por conta do que já nos deu de alegria para o Brasil. Minas Gerais merece de nós mais do que consideração. Ou seja, todos nós temos que ter um carinho, respeito e muito amor pelo estado de Minas Gerais.

Luiz Fara Monteiro: São oito horas e onze minutos. Esta é a entrevista coletiva exclusiva do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva às emissoras de rádio, com geração da Radiobrás.

Pergunta agora do jornalista Salomão Esper, da Rádio Bandeirantes.

Jornalista Salomão Esper – Rádio Bandeirantes: Presidente, bom dia. Como se processará a retomada do crescimento anunciada, para tornar possível a meta de dez milhões de empregos? Será um crescimento harmônico de todos os setores produtivos ou, inicialmente, haverá uma concentração em determinados setores? Há algumas áreas para (inaudível)

Presidente: Bom dia, Salomão. Para vocês que são jovens, eu acho que a primeira entrevista de rádio que eu dei foi para o Salomão. Demonstra que nós dois já somos um pouco mais antigos do que vocês.



Olha, Salomão, a retomada do crescimento da economia é o nosso desejo, é a nossa obsessão e é o nosso sonho. Eu fico comparando a economia brasileira ao atual time do meu Corinthians. Ou seja, o time foi desmontado durante o campeonato. Então, agora, contrataram dois técnicos. Podem contratar três que vai ser difícil, até você estruturar.

O que aconteceu, Salomão, é que nós, quando pegamos o governo, dia primeiro de janeiro, nós tínhamos um risco Brasil de quase 2 mil e 400, uma perspectiva inflacionária de 40% para os próximos doze meses. E nós precisamos recuperar inclusive a credibilidade internacional, porque o Brasil não tinha um centavo para financiamento das suas exportações. Foi tudo um processo, e graças à habilidade do ministro Antonio Palocci, é que nós reconstituímos a credibilidade que o Brasil tinha no exterior. Eu acho que hoje está consagrada essa credibilidade no exterior.

Nós, hoje, podemos falar de cátedra que, para os próximos doze meses, a inflação não ultrapassará os 7% e os mais otimistas acham que ela pode chegar a 5%. As taxas de juros começaram a cair e nós começamos a bater recorde atrás de recorde nas nossas exportações.

Lógico que, para nós, o interessante é combinar o crescimento das exportações com o crescimento do consumo interno, para que a gente possa melhorar e gerar os empregos que precisamos. Nós gostaríamos de crescer em todos os ramos.

Eu vou dar um exemplo de como as coisas, às vezes, parecem fáceis e são difíceis. Nós, na campanha, fizemos uma guerra contra a P51 e a P52, que iam ser construídas na Noruega. Conseguimos fazer com que elas fossem construídas no Brasil. As duas vão ser construídas no Brasil. Agora, a P51 está paralisada porque o governo do Rio de Janeiro parece que criou um imposto específico e a Petrobrás parece que suspendeu o processo.

Nós estamos recuperando a indústria naval. Nós estamos estabelecendo um projeto com a indústria de florestamento para aumentar a área plantada no



Brasil, de florestas para a produção de celulose. Nós fizemos acordo com a indústria automobilística para reativar a venda de carros. Estamos pensando em fazer, também com a indústria automobilística, para reativar e renovar a frota de caminhões. E nós começamos a liberar uma série de recursos com créditos do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, para o micro crédito. E acabamos de fazer um acordo com o movimento sindical como um todo, com todas as correntes, para que os trabalhadores tenham acesso a empréstimos a juros de 2% ou um pouquinho mais. Demos liberdade para que o movimento sindical fizesse esses acordos. Veja que coisa fantástica, o Marinho, em nome da CUT, em nome dos metalúrgicos do ABC, está fazendo uma espécie de licitação pública para ver qual o banco que oferece menos juros, para que os trabalhadores tomem dinheiro emprestado e dêem a sua folha de pagamento como garantia.

Estamos pensando em fazer um acordo para liberar empréstimo para os aposentados brasileiros, a juros muito baixos. E tudo isso com o objetivo de colocar dinheiro no mercado e reativar a economia. Foi para isso que nós anunciamos 5 bilhões e 400 milhões de reais para a agricultura familiar. Foi para isso que nós destinamos a maior quantia de dinheiro para a agricultura brasileira que, no próximo ano, se Deus quiser, baterá o novo recorde, irá para 102 milhões de toneladas de grãos. E tudo isso eu acho que está dentro de uma certeza que nós temos, que acabou o tempo das vacas magras, ou seja, eu acho que o sacrifício que tinha que ser feito já foi feito e todos nós no governo, todos nós, estamos otimistas que, neste último trimestre do ano e para o começo do ano, a economia brasileira vai voltar a crescer.

Terminamos agora a apresentação do PPA, vamos começar agora a chamar empresários brasileiros e internacionais para saber quem está disposto a fazer, primeiro, parceria com o governo, o chamado PPP. Segundo, quem está disposto a pegar alguma obra para fazer por concessão do governo e, terceiro, quem quer fazer obra com financiamento do BNDES, ou quem tem



dinheiro próprio. Ou seja, nós temos estradas, nós temos ferrovias, nós temos hidroelétricas, nós temos hidrovias. Nós temos que recuperar os portos brasileiros e têm muitos que estão com o calado muito pequeno, é preciso aumentar para poder dar vazão a navios maiores, e tudo isso dentro da nossa lógica de que a economia vai voltar a crescer e vamos gerar os empregos que nós queremos gerar.

Não sei se serão 10, 5 ou 20, o que é importante é que nós temos que ter clareza de que precisamos gerar os empregos com muita urgência.

Criamos o primeiro emprego, lançamos o primeiro emprego aqui com o objetivo de atender os jovens brasileiros, os adolescentes brasileiros. Mandamos o projeto para a Câmara, já foi votado na Câmara, já foi votado no Senado, agora voltou para a Câmara. Eu acho que por estes dias estarei sancionando este projeto e vamos começar então a ter preocupação de garantir a oportunidade do primeiro emprego para o adolescente brasileiro. Nós queremos com emprego, com educação e com muito esporte, tirar esses jovens das garras ou da malha da possibilidade de cair na criminalidade, e trazê-los para uma vida sadia. Isso é uma coisa unânime no governo e nós vamos fazer.

Obviamente que nós gostaríamos de fazer as coisas com mais pressa. Eu levanto todo dia com uma angústia imensa do que fazer para que a gente possa dinamizar a economia brasileira. E estamos fazendo tudo, ou seja, não tem uma coisa que possa ser feita que nós não estejamos fazendo no sentido de reativar a economia; e trabalhando para que os juros continuem caindo e caindo de forma muito madura, muito consistente, porque não adianta nada vender mais uma ilusão ao povo brasileiro.

Aqueles rompantes que determinados governos têm, anunciam coisas mirabolantes e um mês depois, a vaca foi para o brejo. Nós já tivemos muita experiência, então eu prefiro dar passos devagar, com consistência, para que a gente não tenha que voltar atrás em nenhuma tomada de posição que nós



tivemos até agora.

Luiz Fara Monteiro: Nós vamos ouvir agora a pergunta do jornalista Estevão Damásio da Rádio CBN. Estevão.

Jornalista Estevão Damásio – Radio CBN: Bom dia, Presidente, bom dia ouvintes. Presidente Lula, na visão do senhor, a atual equipe do ministério é a ideal para o cumprimento das metas traçadas durante a campanha? E mais, notícias hoje dão conta de que o senhor e o ministro José Dirceu estariam esperando a demissão da ministra Benedita da Silva e a devolução do dinheiro gasto por ela em recente visita que fez a Buenos Aires, onde participou de um encontro evangélico. Isso procede, Presidente?

Presidente: Essas coisas são muito engraçadas. Antes de tomar posse, vários jornais, várias rádios e vários repórteres da televisão fizeram o meu ministério, ou seja, todo dia tinha um ministro indicado, todo dia tinha um ministro que não era indicado.

Veja, ninguém vai colocar e ninguém vai tirar ministro por notícia de jornal. Eu sempre disse que você não troca um jogador com 15 minutos de jogo, você espera a pessoa ter toda a oportunidade que todo mundo está tendo.

Nós estamos num processo de rearranjo político neste país, todo mundo sabe que o PT está chamando o PMDB para a sua base - que teve um trabalho excepcional na votação da Previdência e na votação da reforma tributária. Nós vamos compor com o PMDB e o PMDB vai vir para o governo.

Ora, quem vai entrar e quem vai sair é um problema eminentemente meu, do Presidente da República. Na hora que eu entender que está na hora de convidar e discutir o nome, eu terei o maior prazer de informar para todos vocês da imprensa, quem sai e quem entra.



Por enquanto, todos os ministros, todos, estão no cargo até que eu decida afastar algum. E tem que ser assim, sabe por que? Porque se um presidente da República, ficar discutindo com o seu ministério em função de notícias, ele fica louco.

Segundo, veja, a Benedita da Silva, eu tive uma conversa com ela ontem. E a Benedita, me trouxe documentos provando que ela foi para um ato religioso mas, ao mesmo tempo, ela foi encontrar com a ministra da Ação Social da Argentina; ao mesmo tempo foi participar de um debate com empresários.

Ora, eu não vejo por que e não vejo qual o crime que a Benedita tenha cometido. Cometeu um erro, um erro administrativo que passou por muita gente, ou seja, na medida que manda um pedido de viagem para a Casa Civil, dizendo que era para um ato religioso, obviamente dá a vocês, a mim e a qualquer outro brasileiro o direito de perguntar: como é que pode alguém viajar para ir a um ato religioso? Mas veja, a Benedita é uma mulher que tem 60 anos de idade, tem experiência política há muito tempo. A Benedita não iria fazer uma viagem para um ato religioso oficial. Eu só posso entender e compreender que foi um erro administrativo, de quem fez o pedido da viagem, porque não passa pela cabeça, uma pessoa que tem a notoriedade política que tem a companheira Benedita, que tem o histórico que ela tem, cometer um erro gracioso desses.

Então veja, eu acho que ela se justificou para mim ontem, conversou comigo. Eu aceitei a justificativa dela e o que nós precisamos fazer é, daqui para a frente, olhar com mais cuidado cada companheiro que pede para viajar, porque são muitas as viagens.

Eu acho que uma pessoa que tem uma história de vida, não é por um erro que você vai julgar a pessoa. Mesmo que tenha errado, você tem que ter a grandeza de, em algum momento, até chamar a atenção de quem tenha cometido um erro, mas você não pode crucificar as pessoas.



Luiz Fara Monteiro: São oito horas e vinte e três minutos. Essa é a entrevista coletiva do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às emissoras de rádio que fazem a cobertura jornalística aqui no Palácio do Planalto. E a direção é da Radiobrás.

Vamos ouvir a pergunta do jornalista Fábio Marçal, da Rádio Guaíba.

Jornalista Fábio Marçal – Rádio Guaíba: Bom dia, Presidente, bom dia ouvintes. Presidente, o senhor é a favor ou contra o plantio e a comercialização da soja transgênica? O governo federal editou medida provisória liberando o plantio e a comercialização da soja, da safra 2003/2004. Cento e trinta mil famílias que plantam soja transgênica, no Rio Grande do Sul, devem voltar a estocar sementes transgênicas para a próxima safra. Qual o conselho que o senhor dá para essas famílias?

Presidente: Veja, não se trata de ser contra ou a favor. Se trata de você ficar diante de uma realidade em que o Presidente da República tem que dizer: ou faz, o não faz. Nós ganhamos as eleições. Quando chegamos no mês de fevereiro nos deparamos com uma realidade que até então não conhecíamos, que era o fato da soja transgênica estar plantada, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em outras partes do Brasil, mais fortemente no Rio Grande do Sul. Estávamos com 9 milhões de sacas de soja estocadas.

Nós tínhamos duas coisas a fazer. Ou nós proibíamos a comercialização e teríamos que mandar a Polícia Federal tocar fogo na soja – que seria uma fotografia horrível, num país em que o povo está com fome, num país que precisa exportar, num país que precisa produzir, você tirar uma fotografia queimando soja. Ou você entendia a situação que estava vivendo naquele momento, e criava as condições para poder comercializar aquilo.

Nós, então, abrimos a comercialização da soja. Uma parte foi exportada,



outra parte foi comercializada aqui. E foi estabelecida a rotulagem da soja. Pois bem, não foi cumprida, é verdade. Nós chegamos agora e começamos, montamos uma comissão interministerial, coordenada pelo ministro José Dirceu, com o Ministério do Meio Ambiente, o Ministério da Agricultura, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Ministério da Ciência e Tecnologia, se não me falha a memória, para discutir toda a regulamentação da transgenia no Brasil. Não é apenas a questão da soja, é todo o processo de transgenia no Brasil. E isso foi feito, foi trabalhado.

Acontece que os companheiros, quando me entregaram o projeto, nós percebemos que tínhamos um problema a resolver, que os produtores brasileiros que tinham plantado soja ano passado, tinham semente de soja e queriam plantar. O governo poderia ter, simplesmente, falado o seguinte: não vai plantar e fim de papo, vamos passar a máquina por cima, vamos destruir. Seria outra imagem simplesmente horrível. Ou, ao mesmo tempo, o governo deveria falar: bom, vocês não plantam a semente de transgênico que você têm, que nós vamos dar sementes da soja convencional. Isso custava aos cofres públicos 300 milhões de reais. Não tínhamos para dar. E, ao mesmo tempo, se nós déssemos para quem tinha estoque de semente transgênica, porque não dar para aqueles que estavam, de graça, com a semente da convencional?

Então, num caráter excepcional, nós, outra vez, estendemos a medida provisória por mais um tempo, e nesses próximos 15 dias vamos dar entrada no projeto para que o Congresso Nacional defina e regulamente, de uma vez por todas, o problema dos transgênicos no Brasil. E aí a lei vai valer para todos, porque agora nós vamos fiscalizar com muita força, se for preciso contratar fiscais, vamos contratar, para que a gente veja rotulagem, porque o povo tem direito de saber o que ele está comprando. Se o cidadão quiser comprar uma lata de óleo, ele tem que saber se é soja convencional ou se é soja transgênica. E nenhum produtor pode se negar a isso.

Nós estamos discutindo isso com muito critério, vamos agora definir o



papel da CTNBio, que é o órgão que tem poder de estudar isso. E eu não tenho dúvida de que nós vamos resolver isso. Vamos resolver e fiz a medida provisória de forma muito amadurecida. Eu sabia que ia ter críticas, sabia que ia ter gente que ia ser contra, mas eu estava diante de uma realidade. Eu vou deixar 100, 120, 130, 180, 200 mil produtores que estão com suas sementes lá, sem plantar? Ou seja, achei que o custo-benefício foi melhor ao permitir que plantasse, até porque o Brasil está precisando de produzir e está precisando de exportar. Mas vamos ter que regulamentar, porque não se pode ficar sendo pego de sobressalto a cada época de plantio.

Este é um problema que não é só do Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul, ele é mais nervoso. Eu trouxe o governador aqui, trouxe alguns deputados, conversei com os senadores. Alguns eram contra, mas a maioria era favorável. E eu resolvi, então, fazer com que a gente estendesse mais um pouco os transgênicos para este ano, até que a gente regulamente isso, que acho que, em pouco tempo, estará no Congresso Nacional. E, aí, teremos definida a questão dos transgênicos no nosso país.

Luiz Fara Monteiro: São oito horas e vinte e nove minutos. Nós estamos falando, ao vivo, do Palácio do Planalto. E o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva responde à pergunta, agora, do jornalista Mauro Ceccherini, da Rádio Eldorado.

Jornalista Mauro Ceccherini – Rádio Eldorado: Presidente, mais de 100, dos 513 deputados, já trocaram de partido nesta legislatura. E esse é um dos maiores números dos últimos anos, segundo a oposição, inclusive com o patrocínio do PT. A minha pergunta é sobre a reforma política. Eu gostaria de saber se o senhor é favorável à fidelidade partidária, ao voto distrital e ao fim do voto obrigatório.



Presidente: Vejam, eu queria pedir desculpas a vocês, porque cometi um erro aqui, no começo. Ou seja, eu poderia começar cada resposta cumprimentando o povo de cada estado. Afinal de contas, não estou dando entrevista para vocês. Vocês apenas estão sendo interlocutores dos milhões de ouvintes que vocês têm.

Então, eu queria começar, agora, cumprimentando os ouvintes da Eldorado, e dizer o seguinte: olhem, sou favorável à reforma política. Não sei quem disse que o governo está patrocinando a troca de partido. É engraçado, porque no PT não entrou quase ninguém. Pelo contrário, nós estamos com a decisão de tirar alguns companheiros do PT que trabalharam contra as decisões da bancada, da maioria do Diretório Nacional. Então, seria engraçado o PT ficar arrumando namorado para os outros.

As pessoas trocam de partido porque, no Brasil, tem uma cultura política de trocar de partido. Isso não é novo. Tem gente que nem toma posse e já troca de partido. Por isso é que fizemos, ainda no ano passado, quando eu era o coordenador do Instituto da Cidadania, em São Paulo, sob a coordenação do professor Chico de Oliveira e da Maria Vitória Benevides, nós fizemos no Instituto da Cidadania um trabalho muito profundo sobre reforma política no mundo e no Brasil.

Obviamente, não vai ser o Poder Executivo, não vai ser o Presidente da República quem vai mandar um projeto discutido. Mas acho que, terminada a reforma tributária e a reforma na Previdência, acredito que os partidos políticos terão que começar a discutir a reforma política, em que a gente discuta fidelidade partidária, o financiamento público de campanha, para que a gente possa ter mais certeza de votar nas pessoas e saber que as pessoas vão cumprir o programa do partido que o elegeu. Do jeito que está é sempre muito difícil. Nós tivemos um ano em que 80 deputados trocaram de partido entre a eleição e a posse. Assim, você não constrói organização política forte, você não constrói partido forte e não conquista a credibilidade que precisamos



conquistar.

Por isso, sou amplamente favorável à reforma política. Amplamente favorável e, mais ainda, favorável à fidelidade partidária, porque, no PT, nós já praticamos. Vocês estão lembrados de que, em 1985, o PT tinha 8 deputados e nós expulsamos 3, porque votaram contra a decisão do partido. Foi duro? Foi. Mas, se não for assim, você não cria um partido político. Ou seja, se as pessoas são eleitas por um partido político devem a sua eleição ao partido, porque ninguém atinge sozinho o coeficiente. São poucos os deputados que conseguem ter o número de votos que precisam para se eleger. Por exemplo, o coeficiente num estado que necessita de 300 mil votos para eleger um deputado, tem gente eleita com 40 mil. Significa que ele deve 260 mil votos ao partido. Então, ele tem que respeitar o partido. O mandato não pode ser dele. O mandato tem que ser do partido, porque senão como é que fica? Se você quiser ser dono da sua vontade como alguns falam: “não, mas eu não abro mão da minha vontade”, então saia candidato avulso. Candidato avulso é bom porque ele não tem que pedir nada a ninguém e nem se subordinar a nenhuma instância.

O cidadão ou a cidadã levanta de manhã, vai na frente do espelho e fala: espelho, espelho meu, o que eu faço hoje? E faz. Agora, se você resolve participar de uma associação, seja sindicato dos jornalistas, seja um clube de futebol ou um partido político, na hora em que a instância se reúne para deliberar, a decisão vale para todos. Quem não concordar tem que sair, senão não tem democracia. É isso que eu penso da reforma política. Ou seja, ela tem que ser dura, e ela tem que permitir que a gente reorganize o quadro partidário no nosso país, que é muito frágil e muito débil. Até porque, é preciso acabar com os partidos de aluguel. Partidos que só aparecem na época da eleição para vender o seu tempo na televisão, para um ou para o outro, é preciso acabar com isso.



Luiz Fara Monteiro: São oito horas e trinta e quatro minutos, nós vamos fazer um pequeno intervalo nessa entrevista com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e voltamos dentro de instantes aqui do Palácio do Planalto. Até já.

Luiz Fara Monteiro: São oito horas e trinta e sete minutos. Nós voltamos a falar ao vivo do Palácio do Planalto, nessa entrevista coletiva exclusiva, concedida pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, às emissoras de rádio que fazem a cobertura diária aqui no Palácio. A geração é da Radiobrás. E nós vamos ouvir agora a pergunta do jornalista Romoaldo de Souza, da Rede Católica. Romoaldo, bom dia.

Jornalista Romoaldo de Souza – Rede Católica: Bom dia. Bom dia, Presidente, é um prazer trazê-lo à Rede Católica de Rádio. Eu espero, Presidente, que nesses quatro anos de mandato o senhor fale mais conosco das rádios, até porque a gente fez uma série de perguntas para os ouvintes. Que tipo de pergunta que os ouvintes queriam fazer. E eu tenho uma carrada de perguntas que o senhor levaria pelo menos dois mandatos só para respondê-las.

Mas a pergunta que vou fazer, Presidente Lula, é a seguinte: o Estatuto do Idoso passou mais de cinco anos de gaveta em gaveta no Congresso Nacional, de comissão em comissão. O senhor foi eleito, foi à CNBB. Disse na assembléia dos bispos, em Itaici, que teria todo o apoio do seu governo. O Estatuto foi aprovado, o senhor sancionou. Só que ontem o ministro da Saúde Humberto Costa, disse que ficou surpreso com um dos artigos, que trata exatamente da discriminação de alguns itens aí, do reajuste exatamente para os idosos, plano de saúde dos idosos. O senhor sabe que, com o andar da carruagem, esse artigo vai acabar beneficiando a muitos de nós que antes éramos adolescentes na época em que o estatuto começou a ser discutido.

A pergunta é a seguinte: ainda não foi publicado o estatuto. O senhor vai



vetar algum artigo? E se não vetar, o que vai fazer exatamente com relação a esse item que proíbe a discriminação dos idosos pelos planos de saúde, Presidente Lula?

Presidente: Primeiro que eu não vou vetar. Se eu fosse vetar não teria assinado ontem. Ontem, eu assinei porque eu estava convencido que o estatuto ficou sete anos sendo discutido no Congresso Nacional. Todo mundo neste país, interessado no assunto, deveria ter acompanhado. Ele foi aprovado dia 18, portanto teve 12 dias para todo mundo ver o que era preciso fazer ou não. Tinha os líderes dos partidos no Congresso Nacional, que poderiam ter feito acordo sobre qualquer artigo que tivesse que mudar. Não foi feito. Então, está assinado e vai entrar em vigor. Se no transcurso do funcionamento da lei, tiver um problema prático, nós teremos que ter a sabedoria de corrigirmos isso. Mas não vetarei um único artigo.

É importante ficar claro. E quem achar que não está bom, que tente então mandar um outro projeto para o Congresso, para começar a discutir um outro projeto, porque este está sancionado e vai entrar em vigor. Se ele tiver deficiência, nós vamos corrigir na prática. No processo de execução da lei, se ela mostrar alguma debilidade, nós teremos que ter a sabedoria de corrigir. Por enquanto é só discurso. Foi aprovado por unanimidade. Eu não acho que 513 deputados e 81 senadores que debateram isso muito, durante sete anos, não pensassem naquilo que estavam votando. Por isso, está sacramentado o Estatuto do Idoso e acho que a terceira idade, neste país, merece respeito.

Eu acho que tem muita gente que, com 30 anos, com 35, com 40, não se dá conta que um dia vai estar com 70, com 80. Ou seja, é importante a gente começar a cuidar de quem está com 70, quando a gente tem 30, para que, quando a gente chegue lá, a gente tenha alguém cuidando da gente. Portanto, eu fiquei feliz ontem quando sancionei. Estou feliz hoje. E espero estar mais feliz ainda quando a lei entrar em vigor e os velhinhos começarem a



usufruir dos benefícios da lei.

Luiz Fara Monteiro: O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva responde agora a pergunta da jornalista Hérica Christian, da Rádio Tupi. Hérica.

Jornalista Hérica Christian – Rádio Tupi: Bom dia, Presidente, também é um prazer tê-lo falando à Rádio Tupi, do Rio de Janeiro.

Presidente, são nove, dez meses de mandato. E eu gostaria de saber se o senhor, em algum momento se sentiu frustrado ou ansioso pelo fato de ações práticas ainda não terem alcançado as milhares de pessoas que votaram no senhor com a esperança de ver um Brasil melhor?

Então, eu gostaria de saber qual é o sentimento do senhor em relação a não conseguir fazer ou adotar medidas que alcancem essas pessoas de uma maneira rápida e prática?

Presidente: Primeiro, não tem maneira rápida e prática. Não existe maneira rápida e prática. Ou seja, quando você decide fazer uma refinaria, por exemplo, você decide hoje, ela só vai começar a funcionar daqui a seis ou sete anos. Você decide financiar uma hidrelétrica, você anuncia hoje a hidrelétrica e ela vai começar a produzir energia daqui a 7, 8, 9 anos, dependendo da hidrelétrica. Você anuncia uma estrada, ela vai ficar pronta daqui a 4 anos. Ou seja, não existe essa coisa prática. A coisa mais rápida é o anúncio.

Vou dar um exemplo. Eu anunciei os 5 bilhões e 400 milhões de reais para a agricultura familiar. Pela primeira vez, nós começamos a liberar o dinheiro dia 14 de julho. Tem muita gente que achava que todo o dinheiro seria liberado no dia seguinte. Ou seja, tem um processo, até de as pessoas irem ao banco buscar dinheiro ou ao agente buscar dinheiro. Nós conseguimos, até agora, 440 milhões de financiamento para pessoas que pegaram o dinheiro. Isto significa 40% a mais de pessoas no mesmo período do ano passado. E



nós queremos chegar, até o final de novembro, com o financiamento de 3 bilhões de reais, para ver se a gente consegue gastar todo o dinheiro até o mês de junho.

Isso demora um pouco. Quando você anuncia linha de crédito para financiar geladeira e televisão, entre você anunciar e isso começar a funcionar leva alguns meses, porque tem toda uma preparação do sistema para começar a funcionar.

Eu confesso, Hérica, que não tenho nenhuma razão para estar frustrado. Acho que nós já fizemos milagres neste país. Milagres não apenas com a participação do governo, com a participação da sociedade. Vou dar um exemplo: um belo dia, a Viviane Senna veio conversar comigo e disse: “Presidente, eu estou conversando com um grupo de empresários e vamos tratar de recuperar uma parte dos estudantes de Pernambuco que estão na terceira e quarta séries e que não aprenderam nada até agora”. E ela juntou um grupo de empresários e já me comunicou, nesta semana, que já recolocaram, nos níveis compatíveis com os anos de escolaridade, 600 mil crianças. Nós fizemos um convênio com a CNI, em que vamos alfabetizar 3 milhões de brasileiros, em parceria com o Sesi nacional.

Nós temos uma participação da sociedade como eu jamais vi na história deste país. E vamos fomentá-la ainda mais, porque acredito que parte das coisas que temos que fazer no Brasil não depende do governo. Depende de a sociedade estar motivada e começar a fazer. Por exemplo, eu não posso apenas fazer *merchandising*, mas uma empresa me procurou e falou o seguinte: “Presidente, eu quero construir um restaurante popular em cada cidade em que tenho fábrica”, com a mesma qualidade que eles servem para os seus funcionários. Então, nós ainda não utilizamos, na minha opinião, 10% do potencial de participação que a sociedade brasileira tem e que está ávida por participar.

Por exemplo, na questão da alfabetização, eu estou convencido de



que, se nós dependermos da estrutura oficial do sistema de educação no Brasil, vamos levar anos para alfabetizar. Mas, se começarmos a fazer o que estamos fazendo, acordos e convênios... Por exemplo, estamos fazendo acordo com o setor da construção civil, em que cada obra que estiver sendo realizada, cada acampamento para a construção civil terá uma sala para alfabetizar os empregados. Fizemos um acordo com a Associação Brasileira de Supermercados, em que eles se comprometeram a alfabetizar todo e qualquer funcionário analfabeto e a sua família como um todo. Fizemos acordo com a UNE, que vai participar. Porque, veja, se você adotar a participação da sociedade, e cada um assumir a responsabilidade de fazer um verdadeiro mutirão pela alfabetização, você conseguirá muito mais sucesso do que se ficar dependendo da estrutura oficial.

Então, sou um homem que levanto todo dia e levanto as mãos para o céu e dou graças a Deus, porque tem muita gente que, hoje, cobra coisas, mas que, em janeiro, tinha certeza de que não ia dar certo. Ele tinha certeza de que o Brasil ia para o abismo. E nós não só recuperamos o Brasil, como ganhamos uma credibilidade pouco vezes vista no Brasil. É só olhar um pouco da nossa política externa. É só ver o que aconteceu em Cancun. Muita gente não conseguiu entender. Em Cancun, o que aconteceu de fantástico lá, Hérica, é que nós conseguimos juntar 22 países, que representam mais da metade da população mundial. Nem a União Européia e nem os Estados Unidos esperavam que pudesse acontecer isso. O Brasil, por generosidade dos outros, passou a ser o coordenador.

E o que nós fizemos, para o brasileiro entender bem? Nós demos uma trucada. Ou seja, nós estávamos com o zápete na mão. Ou seja, nós pegamos 70% da pauta dos americanos, 70%, e transformamos em nossa pauta. A pauta que os americanos queriam discutir conosco há três meses atrás. Quando nós checamos com a pauta deles, ao invés dos americanos aceitarem, eles foram se juntar à União Européia, para defender o que? Privilégios dos



subsídios que eles dão para os seus agricultores.

Então, nós saímos de lá muito à cavalheira. Obviamente que ninguém ganhou nada, mas nós criamos as condições para que seja discutida com mais seriedade a questão comercial na Organização Mundial do Comércio. Nós estamos estruturando as coisas com muito carinho e eu tenho a certeza de que nunca trabalhei tanto na minha vida. De vez em quando eu falo: quando eu estava na Villares eu era feliz e não sabia, porque quando eu estava na fábrica eu levanta às 6h30 da manhã, começava a trabalhar às 8 horas, saía às 6 horas da tarde, e a noite era minha, o sábado e domingo eram meus. Aqui, a verdade é que você não tem sábado, não tem domingo, não tem hora porque a qualquer hora da noite alguém se dá no direito de ligar porque você é o Presidente da República e as pessoas querem cobrar.

Mas eu estou fazendo de forma prazerosa, eu trabalho com prazer porque eu briguei muito para chegar onde eu cheguei. Isso não foi de graça, isso não foi um acordo, isso foram muitas derrotas acumuladas e eu estou fazendo as coisas com prazer. Cada coisa que eu faço é com um prazer imenso, é como se eu estivesse cuidando do meu filho quando ele tinha 2 meses de idade, ou seja, é assim que eu penso e é assim que eu vou me dedicar nos meus 4 anos. Portanto, eu não tenho porque reclamar, eu só tenho que agradecer a Deus essa oportunidade e eu vou fazer, Hérica, tudo que eu penso que eu deveria fazer quando eu era candidato.

Acho que não é difícil fazer. Nós saímos da turbulência, saímos do vendaval. É como você chegar numa cidade depois de um furacão. Até consertar tudo, limpar, colocar a casa em ordem para começar a voltar a funcionar com normalidade, tem um tempo; e nós fizemos isso com tranqüilidade. Em nenhum momento eu fiquei desesperado porque era difícil. Acho que tem problemas, não é fácil como a gente teoriza, mas é prazeroso fazer aquilo que a gente acredita e vamos fazer, pode ficar certa.



Luiz Fara Monteiro: Presidente, do Rio de Janeiro a gente vai para o Rio Grande do Sul, depois da rádio Tupi a pergunta é da Rádio gaúcha, jornalista Geanone Mousquer.

Jornalista Geanone Mousquer – Rádio Gaúcha: Bom dia, Presidente, bom dia ouvintes da Gaúcha e de todo o Brasil. Presidente, muitos dos seus antecessores se queixaram de que não adianta ter o poder da caneta, ou seja, assina e a coisa não acontece lá na ponta, na população. Por exemplo, programas que o senhor idealizou com o programa Fome Zero, ainda não conseguiram deslanchar. Muitos da população, por exemplo, se queixam de que a situação econômica está muito difícil, que a inflação, que pese ter parado de crescer, ficou alta, os preços se mantiveram altos, os salários estão achatados. O que essa população, que hoje, por exemplo, talvez até essa disposição tenha fluido nas recentes pesquisas de opinião, pode esperar de mudança, de forma rápida? E como o senhor se sente no exercício desse desafio, no exercício da Presidência, levando-se em consideração essa trajetória? É muito difícil fazer com que as coisas aconteçam para a população sentir isso?

Presidente: Eu digo sempre, quando eu faço as metáforas, tentando ligar a questão da família à questão do futebol, é porque todo mundo entende de família e todo mundo entende de futebol. Eu estou completando, ontem eu completei, nove meses de governo, exatamente o tempo que eu demorei para nascer, nove meses. Então, um governo, no seu primeiro mandato com nove meses é uma coisa tão incipiente, que ninguém pode cobrar nenhum milagre, nenhum milagre.

O que nós fizemos foi estruturar as bases do Brasil que nós queremos construir. Agora, veja uma coisa, eu vou te dar um dado do programa fome zero, porque quando eu lancei o programa fome zero, tinha gente que fazia



comentário achando que no dia seguinte estaria resolvido o problema da fome.

Ora, se não foi resolvido durante alguns séculos no Brasil, não seria eu, que tenho o poder máximo de um ser humano normal, que iria resolver. Mas deixa eu dar um número para você que você pode comprovar. Pode pegar um carro e sair na estrada para comprovar isso.

Ou seja, a partir do dia 25 de outubro, 1 milhão e 70 mil famílias vão começar a receber o cartão alimentação, é um crescimento de 41% em relação ao mês de setembro. Os municípios atendidos serão 1.227. 47% maior do que os municípios que estão recebendo agora em setembro. Eu estou falando de 25 de outubro. Em um mês, você vai ter 47% a mais no número de municípios e 41% a mais da população. Os municípios que estão aptos a receber o programa são um mil 855. E nós temos um mil 298 comitês gestores já organizados. Portanto, o programa está funcionando a toda prova.

Eu vou dar um dado de Guaribas, que é uma cidade que está marcada e que vocês, quem sabe, um dia, poderão fazer uma viagem por Guaribas. Nós começamos Guaribas em fevereiro. Portanto, nós começamos Guaribas há sete meses. A taxa de mortalidade infantil caiu de 35,7 por mil, para 0. Ou seja, até agora não morreu nem uma criança nascida em Guaribas. O número de crianças nascidas com peso abaixo do normal caiu de 8 para 3 crianças. Uma queda de 35%. Eu estou falando apenas em sete meses. A proporção de desnutrição protéico-calórica em crianças menores de um ano caiu de 20,6 para 16. A proporção de crianças menores de dois anos que apresentavam diarreia, caiu de 16% para 11%. A proporção de gestantes acompanhadas que iniciaram o pré-natal no primeiro trimestre, passou de 16% para 40,8%. Ou seja, foi um aumento de 150% no pré-natal realizado em 80% das mulheres. A cobertura vacinal, que antes era apenas de 9%, passou para 96%.

Ou seja, se vocês forem a Guaribas – eu estou falando de Guaribas, porque foi a primeira cidade, foi a marca – vocês vão perceber que houve uma revolução naquela cidade. Obviamente que não virou ainda uma Califórnia,



nem tampouco uma Ribeirão Preto. Mas a verdade é que mudou a cara da cidade e a vida das pessoas. Esses dias eu fui no BNB, no Ceará, e a pessoa me mostrava que, pela primeira vez, Guaribas tem um salão de beleza, um instituto de beleza. Para nós, aqui, de Brasília, o que é um instituto de beleza? Não é nada. Mas para Guaribas, que nunca tinha, o fato de você entrar com o programa Fome Zero lá, permitiu isso. Permitiu que as pessoas tivessem a maior produção de feijão de História de Guaribas. E nós nos propusemos a comprar o feijão.

O que aconteceu? Nós nem precisamos comprar porque o preço estava abaixo de mercado. Quando nós dissemos que íamos comprar o preço subiu. Então nós estamos mudando a cara de cada cidade.

Vamos pegar um exemplo concreto aqui. Nós temos agora 286 cidades decretadas emergência ou calamidade pública, no Nordeste brasileiro. O que nós fizemos? Saímos do tradicional carro pipa da prefeitura e passamos a fazer com que o Exército contrate os caminhões pipa. O caminhão contratado ganha um aparelho daqueles de rádio. Em cada lugar que o caminhão vai entregar água, ele é obrigado a comunicar ao Exército o lugar em que está colocando água, para que a gente mande instalar uma cisterna naquela casa. Já colocamos 20 mil cisternas. E queremos chegar a muito mais no Nordeste brasileiro. Ou seja, significa o que? Significa que o programa Fome Zero é, hoje, um sucesso absoluto neste país. Nós já atingimos toda a Região Norte, já atingimos toda a região do semi-árido nordestino, mais o Vale do Jequitinhonha, mais o Vale da Ribeira e mais as regiões das missões, no Rio Grande do Sul, onde você pode, além de um belo passeio turístico, ver como é que está funcionando o programa Fome Zero lá no nosso querido Rio Grande do Sul.

Então, o programa está funcionando. Nós, agora, dia 27 de outubro, vamos anunciar a unificação das políticas sociais, estamos trabalhando em parceria com 27 governadores. Acontece que tem muitos estados que não têm



políticas de transferência de renda. Os que têm, nós vamos fazer convênio para não só poder complementar e aumentar o que as pessoas recebem. Os que não têm, nós vamos criar a possibilidade de ter. Temos aí uns dez ou onze estados em que a gente já pode fazer um acordo imediato de transferência de renda. As pessoas que hoje recebem, em média, 45 reais, ou melhor 30 reais, porque quem tem dois filhos recebe 30 do Bolsa-Escola, vão receber, em média 75 reais - o que é um acréscimo brutal, se você comparar a diferença de 30 reais para 75 reais. E vamos lançar isso dia 28 de outubro. Não vamos lançar dia 27 porque é dia do meu aniversário e vocês vão dizer que tem coincidência.

No dia 28 de outubro vamos começar a atender 1 milhão e 200 mil famílias com o novo plano. E dia primeiro de dezembro vamos atender mais 1 milhão e 200 mil. Dia primeiro de janeiro, mais 1 milhão e 200 mil. Ou seja, vamos chegar no começo do ano com 3 milhões e 600 mil famílias recebendo o novo plano. E quem não receber o novo plano, vai continuar recebendo o que recebe: a Bolsa-Escola e o Vale-Gás. Somente quando forem introduzidas no novo programa é que, então, deixa de existir o programa velho.

É uma coisa fantástica. Você vai poder anunciar na Rádio Gaúcha que nós estamos colocando em prática o maior programa de transferência de renda, eu diria, do mundo. Deixa a gente totalizar. E, obviamente, que, nós queremos chegar, num curto espaço de tempo, a atender 11 milhões de famílias.

Luiz Fara Monteiro: São nove da manhã e já temos uma hora desde o início do nosso encontro, vamos fazer mais um pequeno intervalo e voltamos daqui a pouquinho, ao vivo, aqui, direto do Palácio do Planalto, com a coletiva exclusiva às emissoras de rádio, do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Até já.



PARTE 2

Luiz Fara Monteiro: Voltamos a falar, ao vivo, do Palácio do Planalto. Você está acompanhando a entrevista coletiva exclusiva e ao vivo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva às emissoras de rádio. A geração é da Radiobrás.

Vamos voltar, então, à nossa rodada com os jornalistas. Volta a perguntar a jornalista Luciana Verdolin, da Rádio Jovem Pan.

Jornalista Luciana Verdolin – Rádio Jovem Pan: Presidente, o senhor foi eleito com um discurso de mudança. E a crítica, hoje, da mídia e da população, é que não houve ainda a mudança esperada, que parece que o governo continua o mesmo do antigo. O senhor, o PT era contra, por exemplo, CPMF, taxaço dos inativos, era contra transgênicos e, hoje, mudou de opinião. O senhor já disse, na questão dos transgênicos, que não é o fato de ser contra ou a favor – é faz ou não faz. São incompatíveis, Presidente, os ideais antigos do PT com o PT no governo?

Presidente: Não. É que, quando você teoriza, você acha, você pensa, você acredita. Quando você governa, você faz. Ou seja, isso é como um paciente estar na UTI para uma cirurgia: o médico tem que decidir se corta ou não corta. Não dá para fazer uma reunião para decidir, estudar o tipo de doença. Você vai ter que fazer a cirurgia, com o risco que você tem que correr.

O que acontece, vejam, é que, primeiro, as pessoas que dizem que não mudou, ou não entendem o que está acontecendo, ou não querem entender. Porque a mudança houve não apenas nas pessoas eleitas, mas no comportamento das pessoas eleitas e nas diretrizes da política eleita.

A nossa política econômica, hoje, se nós tivéssemos dado seqüência à



política econômica que vinha sendo colocada em prática, os juros, quem sabe, estivessem mais altos, a inflação estivesse, quem sabe, a 40% e nós talvez não tivéssemos nenhum dólar de financiamento.

Isso mudou. Mudou por quê? Por conta da credibilidade. Mudou quando, no ano passado, se gastou 2 bilhões de reais para a agricultura familiar e nós estamos nos propondo a gastar 5 bilhões e 400 milhões de reais. Mudou quando nós criamos secretaria especial de Promoção de Igualdade Racial. Mudou quando demos uma força à Secretaria da Mulher. Mudou quando criamos um ministério da Pesca. Mudou quando ficamos arrojados na nossa política internacional e resolvemos fazer com que o Brasil se apresentasse ao mundo com autonomia e não um país de cabeça baixa, subordinado aos interesses dos países ricos. Mudanças substanciais.

E você vai ver o resultado disso. É como você plantar uma jabuticaba ou um pé de fruta qualquer, enxertado e não enxertado. Num primeiro momento, você pode até não notar a diferença. O que você vai notar de diferença é que uma vai produzir fruto muito mais rápido. E é o que vamos fazer.

Hoje, não estamos mais trabalhando no Brasil para não deixar o país cair no abismo. Hoje, posso dizer para vocês: nós estamos trabalhando com a certeza de que a economia brasileira vai voltar a crescer, de que a estabilidade foi conseguida, de que a inflação está controlada e de que, agora, vamos criar as condições para que o Brasil cresça, gere empregos e distribua a riqueza. Esta é a mudança substancial que não aconteceu em 8 anos.

Luiz Fara Monteiro: Vamos ouvir, agora, mais uma pergunta da jornalista Leide Carvalho, da Rádio Itatiaia.

Jornalista Leide Carvalho - Rádio Itatiaia: Presidente, a pergunta, agora, é sobre a relação do senhor com o vice José Alencar, entenda relação de



governo. O senhor viajou para o exterior... (sorrisos). Para quem não está vendo, sorrisos. Na primeira viagem que o senhor fez ao exterior, ele ficou na Presidência e falou que a decisão de baixar juros tinha que ser política e não técnica, o que contraria a opinião do ministro Palocci. Mais recentemente ainda, o senhor viajou e ele pareceu estar indeciso em assinar a medida provisória dos transgênicos. Por mais que o senhor demonstre em público, através de sorrisos e abraços com o vice-presidente, que essa relação permanece inteira, isso não desgasta o governo, Presidente?

Presidente: Olhe, primeiro, o José Alencar é uma das grandes figuras humanas que eu conheço. Eu digo para você que, dentro das coisas boas que Deus fez na minha vida, uma delas foi conhecer o José Alencar, na festa de 50 anos da vida empresarial dele.

E acho que a coisa mais normal é que, em alguns momentos, você possa ter visões diferentes sobre as coisas. Ou seja, nós temos DNAs diferentes, gostamos de clubes diferentes, temos coisas diferentes na vida. Eu tenho com a minha mulher, com o meu filho, por que não posso ter com o José Alencar?

Ora, o que acontece, concretamente, é que José Alencar é o vice que o Brasil precisa. E eu não poderia ter encontrado uma pessoa da maior dignidade humana do que José Alencar para ser meu vice.

O fato de o José Alencar falar sobre juros, isso ele falou durante a campanha inteira, falou no discurso em que o conheci e continua falando. E pode continuar falando. Não tem nenhum problema. Todo mundo sabe que os juros no Brasil precisam baixar. O Presidente do Banco Central sabe, o ministro Palocci sabe, eu sei e vocês sabem. E o José Alencar sabe. Ora, acontece que alguns podem pensar: “Bom, os juros poderiam baixar 20% uma vez”. Eu acho que não. Eu acho que nós temos que dar os passos de acordo com o tamanho das pernas, porque senão você tem distensão e aí vai ficar muitos meses



acamado.

Então, eu estou consertando uma deficiência que o Brasil tinha, e estou dando remédio na hora certa. Você pensa que eu não tenho vontade que o juro baixe mais rápido? Eu tenho. Agora, eu não quero ser irresponsável de ao mesmo tempo que fizer uma polêmica política para ele baixar mais rápido, no mês seguinte ter que subir para controlar a inflação. Aí, cadê a minha euforia toda? Então, cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, isso é a primeira coisa.

A segunda coisa, com relação aos transgênicos. Ora, era um tema polêmico, eu viajei, não ficou pronta a medida provisória na sexta-feira. Eu se pudesse obviamente teria assinado na sexta-feira, ela não ficou pronta, era um tema polêmico e o José Alencar fez muito bem em ouvir as pessoas. Ele não era conhecedor do assunto e disse isso para a imprensa. Ele tinha a Marina querendo discutir, ele tinha deputado querendo discutir. E fez muito bem em ouvir as pessoas.

Eu não vejo nenhum defeito, pelo contrário vejo virtude nisso. Está assinada a medida provisória, ele ouviu quem deveria ouvir, discutiu com quem deveria discutir. Qual foi o problema? Entre mortos e feridos, todos estão vivos, por muitos e muitos anos.

Luiz Fara Monteiro: São nove horas e nove minutos, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva está respondendo ao vivo as perguntas dos jornalistas das emissoras de Rádio que cobrem diariamente o Palácio do Planalto. Estamos ao vivo também na Globo News TV. A geração dessa entrevista é da Radiobrás. Vamos voltar ao jornalista Salomão Esper, da Rádio Bandeirantes.

Presidente: Agora não sou só eu que tem que ficar aqui bem comportado, vocês agora estão sendo filmados, a televisão esta pegando vocês agora, por favor.



Jornalista Salomão Esper – Rádio Bandeirantes: Presidente, se o seu governo também acha que exportar é a solução, nas barreiras já conhecidas nos Estados Unidos, na Europa. Qual é o alvo preferencial do Brasil? O mercado nascente da China, os países árabes em menor proporção, porque a câmara de comércio árabe brasileira, festejando as nossas exportações, acha que ainda os países árabes podem absorver muito mais do que tem feito até agora. Continuar o intercâmbio com a Argentina, qual a meta do seu governo nesse campo importante?

Presidente: A meta, eu estou achando que o planeta Terra está ficando pequeno para as nossas metas. Salomão, nós começamos o governo e determinamos que a política externa tinha que ser mais arrojada. Era preciso, a partir do fortalecimento do Mercosul, integrar toda a América do Sul, para que a gente pudesse, com um bloco mais forte, negociar com os Estados Unidos de um lado e com a União Européia de outro; e procurar novas fronteiras para os produtos brasileiros.

Descobrimos o que? Que o discurso de integração da América do Sul era um discurso falso, porque vão tentar integração mas não tem estrada, não tem ponte, não tem hidrovia, de muitos países não tem sequer vôo direto para o Brasil. Às vezes, um presidente de um país da América do Sul para vir ao Brasil tem que ir a Miami. Se é um homem de negócios, já faz negócio em Miami; por que vai vir ao Brasil?

Então nós estabelecemos uma unidade na América do Sul, discutimos entre BNDES e CAF, que é a instituição econômica da Comunidade Andina, 24 projetos, os projetos de integração entre um ou mais países, e agora, em dezembro, vamos definir quais os prioritários e vamos procurar parcerias para fazer a integração.

O Peru já veio para o Mercosul. Estamos trabalhando porque, até



dezembro, poderemos ter a felicidade de ter outros países no Mercosul, para se tornar um bloco maior.

Por que isso? Porque a América do Sul está mais próxima de nós e nós temos mais chance de fazer negócio com a América do Sul. Depois, a África, que é um parceiro em que o Brasil tem um potencial de investimentos, a começar da Petrobrás, da Companhia Vale do Rio Doce, além dos compromissos de Estado que nós temos. Então, já consolidamos a América do Sul, agora nós vamos para a África, dia 3 de novembro, visitar 5 países. Depois, dia 5 de dezembro, Salomão, eu vou para o mundo árabe. São 7 países que eu vou visitar, porque os árabes têm muito dinheiro investido no mundo, menos na América do Sul e menos no Brasil. Nós vamos mostrar para eles o quanto este país é bom para receber dinheiro para investimento produtivo. Não somos bons apenas de futebol.

Ao mesmo tempo, criamos uma parceria entre Brasil, Índia e África do Sul, e agora estamos trabalhando com a Índia e com a China para a gente criar um bloco muito forte para negociar com os Estados Unidos e com a Europa.

Isto não significa que nós estejamos abdicando dos nossos parceiros tradicionais, os Estados Unidos são muito importantes para o Brasil, a União Européia é muito importante para o Brasil, mas eu acho que eles só vão ceder nos subsídios quando perceberem que nós não precisamos tanto deles e que nós não estamos pedindo.

Porque, normalmente, um dirigente latino-americano chega lá fora e fala: “meu país é pobrezinho, tem criança de rua, tem mortalidade infantil, tem prostituição infantil”, achando que isso vai sensibilizar alguém. Isso não sensibiliza ninguém, isso não faz ninguém ceder produto. O que faz ceder, e aí eu trago do movimento sindical a minha experiência, é quando você tem força, se você tiver força e você chegar e falar: “olha gente, eu preciso negociar com vocês mas se vocês não quiserem eu vou negociar com outro país”. Aí, você começa a criar as condições. Vamos fazer isso com carinho, sabe, o Furlan foi



chamado para o governo para isso, o companheiro Celso Amorim é excepcionalmente preparado para isso. O meu companheiro Roberto Rodrigues é outro gigante. Então, nós estamos com a máquina azeitada para adentrarmos no mundo e fazermos negócio. Fazer negócio pensando no Brasil.

Então, nós estamos tranquilos, o Brasil está melhor do nunca esteve. É por isso que estamos com recorde nas nossas exportações. Já temos um superávit de 18 bilhões de reais e vamos chegar a 22 bilhões de reais ou mais, até dezembro. Isso nos dá uma folga.

Luiz Fara Monteiro: São nove horas e quatorze minutos. O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva responde à pergunta do jornalista Estevão Damázio, da Rádio CBN.

Jornalista Estevão Damázio – Rádio CBN: Ainda no campo internacional, Presidente, Fidel Castro está contra o senhor como eventual sucessor dele em termos de liderança na América Latina. Em Paris, esta semana, a organização Repórteres Sem Fronteira criticou duramente o senhor pelo fato de ter se omitido durante a viagem que fez àquele país, Cuba, na questão dos dissidentes. Uma segunda parte, o ex-Presidente Fernando Henrique tinha horror ao rótulo neoliberal. Algum rótulo incomoda o senhor? O senhor continua sendo de esquerda?

Presidente: Primeiro, como é o nome? Repórteres Sem Fronteira? Vocês repórteres estão sem informação. Porque, primeiro, é descabido, lá de Paris, alguém ficar fazendo julgamento do meu comportamento com relação a Cuba. É descabido.

Segundo, eu conversei quase duas horas com o Presidente Fidel sobre a questão dos prisioneiros de Cuba. Acontece que eu fui a Cuba como chefe de Estado. E um chefe de Estado, as boas maneiras indicam, não pode dar



palpite na política de outro país. Nem eu dou na dos outros, nem quero que eles dêem na minha. Respeito é bom, eu dou e gosto de receber.

Então, conversei com Fidel Castro sobre o brasileiro que estava lá; conversei com Fidel Castro sobre os cinco cubanos que estão condenados à pena de morte nos Estados Unidos, porque as pessoas só falam de um lado, não falam dos dois lados. E eu ponderei muitas coisas ao Fidel, porque se alguém tiver que falar é ele, e não eu. Mas eu, José Dirceu e Frei Beto, passamos uma hora e meia conversando sobre direitos humanos e não tenho nenhuma obrigação de dar informações ao chamado Repórter Sem Fronteira.

Eu passei a minha vida inteira lutando por liberdade democrática. Ela vale para mim, vale para Cuba, vale para Paris, vale para todo mundo. Agora, Cuba tem suas razões, os Estados Unidos têm suas razões. A mim, cabe apenas dizer ao chefe de Estado como é que eu acho que deveriam ser as coisas. Mas não cabe mais do que isso.

Eu falei porque tinha interesse no brasileiro. Conversei com a Igreja católica em Cuba, conversei com a mãe do prisioneiro brasileiro, mas não cabe a mim sair dizendo para imprensa: olha, eu conversei isso, conversei aquilo, porque isso não ajuda num processo de negociação dessa envergadura.

Jornalista Estevão Damázio – Rádio CBN: O rótulo.

Presidente: Eu confesso que não gosto de rótulo. Eu acho que os mais velhos aqui se lembram que a primeira entrevista que eu dei, ainda no tempo da TV Tupi, tinha o Mesquita que me perguntou: você é comunista? Eu falei: não, sou torneiro mecânico. Porque eu acho que o rótulo não ajuda. Eu prefiro ser o Lula, torneiro mecânico, pernambucano de Garanhuns, que chegou à Presidência da República.

Luiz Fara Monteiro: Esta é a entrevista exclusiva e ao vivo, do Presidente Luiz



Inácio Lula da Silva, às emissoras de rádio que fazem a cobertura diária no Palácio do Planalto. Vamos ouvir mais uma pergunta do jornalista Fábio Marçal, da Rádio Guaíba.

Jornalista Fábio Marçal – Rádio Guaíba: Presidente, o que o povo brasileiro e os ouvintes da Rádio Guaíba podem esperar da reforma trabalhista que vem por aí? Porque a proposta da reforma da previdência defendida pelo governo surpreendeu muita gente, inclusive os seus eleitores, porque o governo defendeu coisas que antes atacava, como a cobrança nos inativos. E a reforma trabalhista que vem por aí, Presidente?

Presidente: Primeiro, vamos ter claro, Fábio, a reforma da Previdência social, ela foi feita em função das necessidades de sobrevivência, da própria capacidade dos estados poderem pagar os aposentados. Obviamente que, quando você mexe nos interesses corporativos de uma categoria, você sempre vai ter contra ou a favor. O dado concreto é que a reforma da Previdência foi feita do tamanho que precisava ser feita. Nós defendemos, a vida inteira, um sistema único de Previdência, nós sempre defendemos acabar com os privilégios. Ela foi feita. E graças à boa vontade do Congresso Nacional que, em tempo recorde, votou.

Eu acho que tem muita gente criticando por inveja, porque muitos tentaram, passaram anos e anos no poder e não conseguiram fazer o que eu fiz em apenas nove meses de governo. Isso deve causar inveja, porque diziam que eu não tinha maioria no Congresso, diziam que eu não tinha articulação política. Nós construímos a maioria no Congresso. Nós votamos a Previdência, vamos votar a reforma tributária, vamos votar a reforma da lei trabalhista. Ela está sendo construída com representação da sociedade. Estamos trabalhando porque a reforma não é para mim, é para o Brasil. E se é para o Brasil, não pode sair do Poder Executivo para a sociedade, mas tem que vir da sociedade



para o governo. E vamos fazer do tamanho que precisa ser feita.

Depois, nós vamos fazer a reforma na estrutura sindical; depois, a reforma política e, podem ficar certos de que, tudo que for necessário fazer, para dar ao Brasil modernidade, nós vamos dar. Porque o Brasil precisa estar compatível com as economias mais fortes do mundo, porque o Brasil precisa ocupar o seu espaço no cenário mundial.

Luiz Fara Monteiro: São nove horas e vinte e um minutos. Estamos transmitindo, ao vivo, para as emissoras de rádio de todo o país, com a geração da Radiobrás, e também para a Band News, a emissora Band News de São Paulo.

Vamos ouvir a pergunta do jornalista Mauro Ceccherini, da Rádio Eldorado.

Jornalista Mauro Ceccherini – Rádio Eldorado: Presidente, o governo foi muito criticado pela nomeação de políticos para cargos onde os técnicos exerciam normalmente, como no caso da Petrobrás e do Inca, no Rio de Janeiro. O ideal não seria justamente o contrário, Presidente, profissionalizar a administração pública com menos políticos e mais técnicos?

Presidente: Mas isso é uma visão absurda. Não sei se você sabia, o meu companheiro José Eduardo Dutra, que é o Presidente da Petrobrás, não só é tecnicamente competente, como é do setor. Foi sindicalista do setor durante muitos anos.

Agora, eu acho engraçado gente, é pensar que, alguém ganhando as eleições, vai contratar os adversários para trabalhar no seu governo. Fantástico isso, alguém achar que, bom, o Lula ganhou a Presidência, então ele vai chamar o pessoal do Maluf, o pessoal do Fernando Henrique Cardoso, o pessoal do Collor, para trabalhar. Não. Há vários cargos no governo que são



cargos de confiança, que é o Presidente que põe e que tira. E essas pessoas têm que ter competência técnica, competência política e ser da confiança do Presidente. É assim. O dia que você montar alguma coisa, vai perceber que é assim. Não tem milagre. Deve ter alguém reclamando porque ficou de fora. Mas não tem outro jeito de fazer.

Eu ouvi outro dia reclamação, porque nós contratamos o Duda Mendonça. Queriam que eu contratasse o publicitário do Fernando Henrique Cardoso, o do Collor? Eu tenho que contratar quem eu confio. A pessoa tem competência técnica, participou da concorrência em igualdade de condições com os outros e se mostrou melhor, tem que ser ele. Para cargos administrativos, você tem que ter a competência técnica com a profissionalização.

Olha, vamos ser francos: tem muita gente boa, que não é do PT, não é do PSDB, não é do PMDB, não é do PFL, que está na máquina pública. Não é nenhum problema. O profissional é profissional. Isso a gente não mistura com cargo de confiança. Cargo de confiança é aquele que não é de carreira, é aquele que o Presidente indica. Ele trabalha e, quando o Presidente sair, ele sai junto. Não tem outro jeito, meu caro. Seja eleito para alguma coisa, para ver se você consegue fazer diferente. E quem fizer diferente está fazendo bobagem.

Luiz Fara Monteiro: Jornalista Romoaldo de Souza, da Rede Católica, mais uma pergunta ao Presidente Lula.

Jornalista Romoaldo de Souza – Rede Católica: Presidente, neste ano, cerca de 50 lideranças foram assassinados no campo, na luta pela reforma agrária. Enquanto isso, o Ministério perdeu verbas e se multiplicam os números de acampamentos e invasões. O senhor disse, quando se encontrou com o MST, que apresentaria, ainda neste ano, um plano nacional de reforma agrária.



Eu pediria que o senhor adiantasse alguns desses itens, alguns dos pontos do plano nacional de reforma agrária ao ouvinte da Rede Católica de Rádio, Presidente.

Presidente: Olhe, eu não tenho o plano ainda, porque o Ministério do Desenvolvimento Agrário está trabalhando esse plano.

O problema é o seguinte: não dá para você continuar discutindo reforma agrária como se discutiu até outro dia. Ou seja, é preciso criar um novo conceito de reforma agrária, porque, veja, você não pode ficar nessa disputa alucinante de assentar as pessoas, colocar as pessoas no campo e, depois, não dar condições de as pessoas trabalharem, não ter financiamento, não ter assistência técnica, não ter moradia, não ter educação, não ter saúde, e 80% dos assentamentos viverem de cesta básica do governo.

Isso é irracional. Isso é apenas a transferência da miséria urbana para a miséria rural, sem resolver o problema da reforma agrária.

O que estamos exigindo do Ministério do Desenvolvimento Agrário? É que seja feito um projeto em que possamos não apenas ficar assentando famílias em 50 ou 60 hectares, sem dar condições de trabalho para essas pessoas. Que, em função daquilo que a pessoa for plantar, ela tenha uma área menor em vez de colocar uma casa a 6 quilômetros da outra, a 10 quilômetros da outra, dificultando a criança de ir à escola, a gente vai tentar fazer uma espécie de agrovila – um núcleo habitacional em que você possa ter as casas, possa ter um posto de saúde, possa ter uma escola, possa ter uma venda, possa ter uma série de coisas que uma comunidade tem que ter. E que as pessoas, então, que vão trabalhar, os homens e as mulheres que vão trabalhar levantem mais cedo.

Queremos combinar a produção com a industrialização, criando agroindústrias, com a comercialização, para poder gerar empregos para a juventude. E, ao mesmo tempo, queremos dimensionar o seguinte: a pessoa



vai fazer o quê? Vai criar peixe? Não precisa de 50 hectares. A pessoa vai plantar tomate, vai plantar pepino, vai plantar cebola? Isto é, dependendo do que a pessoa vai plantar, a pessoa, com uma área menor, pode ter muito mais produtividade se tiver assistência técnica e se tiver, por exemplo, água e ainda puder irrigar.

Então, nós queremos mudar isso para poder tornar produtivo e para poder fazer com que as pessoas possam ganhar alguma coisa. Porque qual é o prazer de você colocar uma pessoa em 30 hectares, num lugar em que não tem água, não tem consumidor para o seu produto, não tem semente, não tem assistência técnica? Ou seja, para o cara ficar lá, abandonado, com a família? Isso que é reforma agrária? No meu conceito, não é.

Então, quero apresentar e, quem sabe, convidarei todos vocês para o dia em que a gente for inaugurar o novo modelo de reforma agrária que vamos instituir neste país.

Luiz Fara Monteiro: São nove horas e vinte e seis minutos. Você está ouvindo...

Presidente: Só um dado, com relação à violência: a violência é um problema sério. Eu tenho pedido ao ministro da Justiça que aja nas investigações.

Agora, é preciso que as pessoas tenham clareza: a reforma agrária vai sair, não porque alguém está invadindo ou porque alguém está matando. Ela vai sair por uma necessidade de se fazer justiça social no Brasil. Ela tem que sair, não com os equívocos cometidos durante tantos e tantos anos. Se eu tenho a oportunidade de apresentar um novo modelo – e confesso a vocês que seria importante as pessoas conhecerem o que é um kibutz, em Israel, que não é um país socialista. Vocês vão perceber que tem algo excepcional que você não vai trazer para cá, mas que pode utilizar muita coisa boa que tem nesses países.



E nós queremos, efetivamente, fazer a reforma agrária, fazer com que as pessoas produzam e fazer com que as pessoas vivam com dignidade. Esse é um compromisso meu. Não é de campanha. É um compromisso de história, que está no meu sangue e que, se Deus quiser, vou fazer.

Luiz Fara Monteiro: São nove horas e vinte e sete minutos. Vamos ouvir, agora, a pergunta da jornalista Hérica Christian, da Rádio Tupi.

Jornalista Hérica Christian – Rádio Tupi: Presidente, com a aprovação da reforma previdenciária, nós pudemos ver, lá no Congresso Nacional, várias manifestações de repúdio, de cobranças aos parlamentares do PT. O senhor avalia que essas manifestações terão reflexos diretos, agora, nas eleições municipais, já que muitos eleitores que fizeram *lobby*, lá no Salão Verde, advertiram aos petistas de que o troco seria dado agora, nas eleições municipais? Como o senhor avalia essa reação?

Presidente: Veja, primeiro, é que nós fizemos uma reforma que o povo queria que fosse feita. Não tem uma pesquisa que não diga que mais de 70% da sociedade brasileira era favorável à reforma. Portanto, não dá para você ficar com medo de um corporativismo minoritário, porque não era o conjunto da categoria. A própria pesquisa feita pelo Ibope demonstra que, no setor mais baixo do funcionalismo público, as pessoas eram favoráveis à reforma.

Então, eu só não posso pedir para as pessoas não fazerem manifestação. Mas você pode ficar certa de que nós teremos mais votos nas próximas eleições por conta da reforma, porque as pessoas vão se dar conta de que o que fizemos foi um bem para os trabalhadores, servidores públicos, e demos uma sobrevida aos estados brasileiros para poder pagar. Porque essas pessoas são simplistas, viu, Hérica. Essas pessoas pedem, mas quando você pergunta de onde vai vir o dinheiro para pagar, ninguém diz de onde vai vir. Ou



seja, o cara pensa que o Presidente da República é a galinha dos ovos de ouro. Mas o dinheiro não nasce do nada. O dinheiro nasce da produção, nasce do imposto. Então, se as pessoas querem mais, tenham coragem de dizer: “aumente imposto”. Mas ninguém diz, porque todo mundo quer baixar imposto e, depois, querem mais as coisas.

Então, eu estou muito tranqüilo com relação à Previdência. Acho que foi um ganho para o Brasil, foi um ganho para os estados. Eu sempre agradeço aos parlamentares pela coragem que tiveram de votar. O que acho estranho é um cidadão de ultra-esquerda, de repente, estar batendo palmas para um cidadão de ultra-direita no Congresso Nacional, que era favorável ao pensamento dele. Isso é o que acho estranho: alguém chamar um deputado de direita de companheiro e chamar um companheiro tradicionalmente de esquerda de inimigo. Esse é o desvio do corporativismo e o desvio do ultraesquerdismo.

Luiz Fara Monteiro: Completando a segunda rodada de perguntas, vamos ouvir o jornalista Geanone Mousquer, da Rádio Gaúcha.

Jornalista Geanone Mousquer – Rádio Gaúcha: Presidente, as informações ao final da reunião na Granja do Torto, na última terça-feira, dizem que o senhor teve que passar um verdadeiro pito nos governadores, chamando-os à responsabilidade. Disse que cada um só estava pensando em si próprio e não estava pensando no Brasil. Reforma tributária agora no Senado, toda essa discussão parece que vai mudar tudo em relação ao que aconteceu, o que foi votado e aprovado na Câmara. O que o senhor espera, quais são as orientações que o senhor está dando?

Presidente: Não ouve pito e eu jamais daria pito em governadores. O que houve foi o seguinte: É normal que quando você esteja discutindo uma reforma



tributária, que você tenha companheiros, governadores, que queiram resolver o problema da falência do seu estado na política tributária.

Não é possível, a falência dos estados será resolvida na medida em que você tenha a recuperação da economia, a recuperação da economia dos estados, e que a arrecadação seja maior.

O que eu mostrei aos governadores é que em algum momento nós temos que pensar no Brasil, porque é possível o Brasil ir bem e um estado ir mal, mas não é possível um estado ir bem se o Brasil vai mal. É preciso primeiro pensar no nacional, depois pensar no regional, depois pensar no setorial.

Deixa eu contar uma coisa da reforma tributária – se vai ser votada, não vai ser votada tal qual precisa ser votada –, eu, quando levanto de manhã, leio cinco ou seis jornais todo santo dia. Às vezes, se eu fosse me ater pelas manchetes dos jornais, eu nem sairia do Palácio da Alvorada, tal era a confusão estabelecida na praça.

Aí você chega aqui pega o telefone, liga pra um lá: “mas não é isso não, aí tem equívoco, eu não falei isso, eu não pensei aquilo”. Então, não existe nada que substitua a relação humana. Você chamar a pessoa para conversar, propor, acordar, ceder, conquistar. Isso nós fazemos com muita competência, graças a Deus. Graças a Deus eu tenho bons líderes no Congresso Nacional, tenho a boa vontade da maioria dos partidos. Graças a Deus eu tenho o José Dirceu na Casa Civil que organiza muito bem; e os meus ministros já foram mais ao Congresso Nacional debater do que todos os ministros do outro governo em 8 anos.

Eu nunca vi ministro gostar de debater com os meus, ou seja, eles vivem se oferecendo para debater, sabe por que? Porque, quem está imbuído da verdade, quem está imbuído de boa vontade, não tem por que ter medo. Então nós vamos fazer a reforma tributária. Você pode ficar certo de uma coisa, eu não tenho nenhuma preocupação com o Senado ou com a Câmara, nenhuma.



Eu acho que as pessoas são todas pessoas que pensam neste país. Obviamente que às vezes têm que fazer um discurso para o seu partido, um discurso para o seu eleitor, mas se você não entender isso, também você não entende nada, é melhor não fazer política.

Fazer política achando que todo mundo tem que dizer amém ao Presidente não é possível. Fazer política achando que o Presidente é um ser superior, que não tem que conversar com as pessoas, não é possível. O Presidente mais do que qualquer outro brasileiro, tem que estar 24 horas por dia à disposição de conversar com quem quer que seja para fazer um acordo político e, graças a Deus, eu trago da minha experiência sindical, que eu tenho muito orgulho, o aprendizado de negociar. Eu gosto de ouvir, gosto de meditar sobre o que as pessoas me falaram e gosto de fazer acordos; e vamos fazer. Deus não me deu essa oportunidade à toa, eu briguei muito para chegar aqui e vou fazer as coisas para mostrar que é possível construir um Brasil muito melhor.

As bases estão colocadas e pode ficar certo de que nós vamos fazer muitas entrevistas dessa e a cada ano vocês vão medindo, a cada mês que fizermos vocês vão medindo.

Eu queria, sei que está no final, agradecer a cada um de vocês. Eu penso que o que nós fizemos hoje aqui é um novo aprendizado para a imprensa brasileira e um aprendizado para o Presidente da República, e isso se deve ao fato de vocês terem aqui um companheiro, que embora seja meu assessor é mais assessor da imprensa do que meu. Ele se preocupa muito mais com vocês do que comigo. Às vezes, eu penso que vocês é que pagam o salário dele.

De certa forma sim, porque pagam imposto e termina pagando o salário dele. O Ricardo Kotscho tem insistido muito para que isso aconteça, ele tem insistido há uns três meses que é importante fazer entrevista de rádio, e uma coisa muito franca. Então eu quero agradecer ao Ricardo Kotscho, quero



agradecer a vocês e dizer que outras virão. Vai ser muito importante, inclusive, o Ricardo Kotscho querer valorizar o pessoal que faz a cobertura diária, porque muitas vezes a gente só pensa nos grandes chefões e as pessoas que trabalham no dia-a-dia aqui. Mas eu penso que nós estamos aprendendo, e essa entrevista de hoje, para mim ela foi marcante. Primeiro pela cordialidade de vocês, pela forma respeitosa com que vocês fizeram as perguntas, pela forma madura com que vocês trouxeram as perguntas e eu penso que nós construímos um novo espaço no exercício da democracia, na imprensa e no exercício de governo.

Quero agradecer a todos vocês e espero que a gente possa, brevemente, estar sentado nessa mesa aqui fazendo uma outra entrevista. Meu caro Luiz, muito obrigado.

Luiz Fara Monteiro: Presidente, antes de encerrar, o que o senhor pensa de um flamenguista estar dirigindo o seu Corinthians?

Presidente: Veja, um flamenguista é mais que um flamenguista, é um Júnior, é daquelas pessoas que embora jogassem no Flamengo, todo mundo gostaria de tê-lo no seu time de futebol, mais do que nunca o Júnior é um craque. Eu acho equivocada a direção do Corinthians fez, ou seja, vender 7 jogadores durante o campeonato e depois achar que levando o Rivelino e o Júnior vão resolver o problema. Não vão resolver o problema, um time de futebol você constrói um tempo antes de começar o principal campeonato.

O Corinthians fez errado, mas eu, se o Rivelino e o Júnior conseguirem passar para a meninada 10% do que eles jogaram, o Corinthians já vai ter o melhor time do mundo.

Luiz Fara Monteiro: Está certo. Nós voltamos a agradecer aos jornalistas presentes e essa foi a entrevista coletiva exclusiva do Presidente Lula às



emissoras de Rádio. Nós voltaremos numa próxima oportunidade.

Presidente: Luiz, deixa só eu deixar de ser mal educado aqui e agradecer aos ouvintes da Jovem Pan, aos ouvintes da Itatiaia, aos ouvintes da Bandeirantes, da CBN, da Guaíba, da Rádio Eldorado, da Rede Católica, da Rádio Tupi e da Rádio Gaúcha. Agradecer a todos os ouvintes e dizer que, se eu não disse aquilo que vocês queriam ouvir, da próxima vez vocês mandam uma carta para o jornalista que fez a pergunta e seja mais exigente com ele. Quero agradecer a você Luiz e agradecer à Radiobrás que, se Deus quiser, será muito maior do que é hoje do ponto de vista de interação da comunicação no nosso país.

Luiz Fara Monteiro: Nós jornalistas é que agradecemos, até uma próxima oportunidade. Obrigado.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Entrevista do Presidente da República

/rss/cms/lrj